

JOSÉ REBELLO DA SILVA:
pioneiro do violão brasileiro e das
marchas do Ameno Resedá

**JOSÉ REBELLO DA SILVA: pioneer of the
Brazilian guitar and the marches
of Ameno Resedá**

Luciano Lima¹

Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II – FAP

limaviolao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3288-7825>

Submetido em 06/04/23

Aprovado em: 24/06/23

Resumo

José Rebello da Silva (1884-1951), também conhecido como José (ou Zé) Cavaquinho, teve uma atuação multifacetada na cena musical carioca da primeira metade do século XX, como violonista, cavaquinista, flautista, compositor, professor e regente, além de ter sido um dos membros fundadores e diretor de harmonia do rancho carnavalesco Ameno Resedá. Apesar do reconhecimento em vida por parte da imprensa e de seus pares, seu nome acabou sendo relegado ao esquecimento, assim como os de inúmeros outros personagens, deixando lacunas consideráveis na historiografia da música brasileira. A partir de fontes bibliográficas, partituras e informações provenientes de jornais e revistas da época, o presente artigo tem como objetivo resgatar a história de José Rebello, buscando preservar sua memória e colocar seu nome novamente em evidência.

Palavras-chave: José Rebello da Silva; José Cavaquinho; Ameno Resedá; Yvonne Rebello; violão brasileiro.

Abstract

José Rebello da Silva (1884-1951), also known as José (or Zé) Cavaquinho, played a multifaceted role in Rio de Janeiro's music scene in the first half of the 20th century, as a guitarist, cavaquinho player, flutist, composer, teacher, and conductor, in addition to having been one of the founding members and musical director of the Carnival group Ameno Resedá. Despite the recognition by the press and his peers during his lifetime, his name ended up being relegated to oblivion, as well as those of countless others, creating substantial gaps in the historiography of Brazilian music. Based on bibliographical sources, scores and information from newspapers and magazines of the time, this article aims to shed more light on José Rebello's story, seeking to preserve his memory and bring his name back in circulation.

Keywords: José Rebello da Silva; José Cavaquinho; Ameno Resedá; Yvonne Rebello; Brazilian guitar.

¹ Violonista, pesquisador e professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) no Campus de Curitiba II e no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESPAR. Doutor (D. Mus.) pela Université de Montréal (Canadá), mestre pela McGill University (Canadá) e bacharel em violão pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Desenvolve também atividades como arranjador e compositor, dedicando-se principalmente à produção para violão, tendo suas obras publicadas pela editora canadense Les Productions d'OZ. Dentre suas publicações, destacam-se *Radamés Gnattali e o Violão de Concerto*, *Guia Prático para Violão Solo*, de Heitor Villa-Lobos, *Ian Guest - Música para Violão* e *21 Peças Líricas para violão*, de André Mehmari.

Introdução

José Rebello da Silva teve uma atuação discreta, mas significativa na história da música brasileira, conforme mostram os registros de suas atividades nos ambientes do choro, do Carnaval carioca e do violão clássico. A interação com meios profissionais tão contrastantes parece hoje algo atípico, mas, em uma época de construção da identidade musical nacional, eram círculos que acabavam se sobrepondo e se complementando. Assim como vários de seus contemporâneos, sua existência não ficou registrada de maneira linear, completa, apenas contando com breves relatos dispersos em fontes diversas – “E agora, José?”. Por meio desses recortes esparsos, tentaremos reconstruir o retrato deste personagem, uma investida que, apesar de falhar solenemente na missão de criar uma representação nítida, espera resultar em uma imagem que, na sua incompletude, reúna elementos suficientes para que ele possa ser reconhecido, resgatando não só sua história, mas também sua música.

Em 1936 é lançado o livro *O Choro: reminiscências dos chorões antigos*,² do carteiro aposentado, cavaquinista e violonista Alexandre Gonçalves Pinto (c.1870-c.1950). Ali é descrito o ambiente do choro na virada do século XIX para o XX e nas primeiras décadas do novecentos, um período de intensas transformações que fizeram parte do processo de desenvolvimento musical do país. De acordo com o prefácio, são “fatos ocorridos de 1870 para cá. São crônicas do que se respirava no Rio de Janeiro neste período desde o tempo do João Minhoca, da Lanterna Mágica do Chafariz do Lagarto, dos Guardas Urbanos, dos pedestres até hoje” (PINTO, 1978, n.p.). A parte principal do livro, entretanto, é a coleção de perfis “de todos os chorões da velha guarda, e grande parte dos chorões de agora, fatos e costumes dos antigos pagodes, este livro faz reviver grandes artistas musicistas que estavam no esquecimento” (PINTO, 1978, n.p.). E, dentre os mais de trezentos verbetes biográficos, figura o de José Cavaquinho,³ conforme está listado no livro:

JOSÉ CAVAQUINHO

José Rabello⁴ [sic] da Silva, conhecido na roda dos chorões por (José Cavaquinho) por ter sido o cavaquinho o instrumento de sua iniciativa no circuito da velha guarda, José, nasceu em Guaratinguetá. É de São Paulo, veio para o Rio ainda muito jovem, sempre foi e ainda é muito operoso, conservando uma linha irrepreensível, estimado pela sua simpatia comunicativa e atenciosa, propriedade esta que muito se une aos seus dotes de artista e excelente professor que é, autor de diversos métodos de violão, e cavaquinho pai, da menina Ivone [sic], executora de músicas clássicas ao violão, aplaudida por artistas científicos que não regateiam seus aplausos dispensados a sua filha e discípula. Ele se sente ufano pelo progresso da mesma.

José Cavaquinho, é um violonista de folego e escrupuloso em tudo que se prende ao violão, por esta razão ainda não adotou as cordas de aço conservando as de tripas como uma tradição. José, também é um flauta de nomeada e já teve a

2 Reeditado em versão fac-símile pela Funarte, em 1978, edição utilizada neste artigo.

3 Havia outro músico que também respondia pela mesma alcunha, mas pertencente a outra geração, o multi-instrumentista de cordas, compositor e arranjador José Menezes de França (1921-2014), o Zê Menezes.

4 A grafia de seu sobrenome representa mais um obstáculo para a pesquisa, sendo necessário empreender buscas considerando todas as variações (Rebello, Rebelo, Rabello, Rabelo, por vezes sendo até chamado de Rodrigues), além daquelas do apelido (José ou Zê Cavaquinho).

sua grande época tocando nos cinemas mais frequentados do Rio, ele foi um dos fundadores do Ameno Resedá, como seu diretor de harmonia, muito cooperou para o seu título de Rancho Escola, ao lado de Antenor de Oliveira e Napoleão, diretor de canto, e outros elementos levaram este rancho ao apogeu que teve até a glória de entrar no palácio do presidente da República! O autor deste livro e toda gente sabe que José Cavaquinho, é o senhor do segredo das harmonias dos cantos carnavalescos que tanto deliciou o povo carioca, o campeão de harmonia Ameno Resedá.

Também é autor de diversas músicas como sejam: Miragem, valsa; Ypiranga Tango Guanabara, etc. Atualmente é funcionário do M. da Agricultura, e os tempos que lhe sobram da repartição lecciona violão, tendo preparado muitos bons violonistas, pois é ele um grande educador do violão. (PINTO, 1978, p.55-56).⁵

Temos aqui um cenário formado por um variado leque de atividades profissionais. Como instrumentista, dominava a flauta, o violão e o cavaquinho. Atuou como professor, sendo sua filha Yvonne Rebello (1915-?)⁶ o maior fruto de seus ensinamentos. Foi autor de métodos para violão e cavaquinho. Um dos pioneiros do violão brasileiro, além de atuar como intérprete, deu sequência à tradição dos violonistas compositores, dedicando peças solo para o instrumento. Não bastasse, foi um dos membros fundadores e diretor de harmonia de um dos pilares do Carnaval carioca, o rancho Ameno Resedá, para o qual também compôs marchas carnavalescas. Inserido na mesma realidade socioeconômica que vários de seus colegas músicos, paralelamente também ocupou um cargo como funcionário público.

Ao longo de seu percurso, percebe-se uma atuação mais concentrada em determinados campos – que por vezes se sobrepõem –, seguida por um período de transição, conduzindo a focos diferentes. Em linhas gerais, podemos observar três perfis com a seguinte sucessão cronológica: músico de choro, membro do Ameno Resedá e violonista clássico. Concomitantemente, também exercia as funções de compositor e professor. Assim, visando compreender melhor o desenvolvimento da carreira de José Rebello, organizaremos o conteúdo tendo como base esses três eixos principais.

Músico de choro

De acordo com a *Enciclopédia da Música Brasileira* (1977), José Rebello nasceu no dia 20 de março de 1884, em Guaratinguetá, SP. O primeiro relato de sua carreira é de 1903, quando tinha 19 anos, já no Rio de Janeiro. Santos Dumont (1873-1932), após sobrevoar Paris em seu balão número 9, desembarcou no Rio de Janeiro no dia 7 de setembro de 1903. Na biografia escrita por Gondin da Fonseca (1940), há uma passagem em que o autor descreve em detalhes a famosa serenata oferecida em homenagem ao aviador no mesmo dia de sua chegada:

De noite, sozinho no seu gabinete de trabalho (todo encombrado de trastes, à maneira da época) Santos prepara-se para redigir uns telegramas, tomar um

⁵ José Rebello é mencionado ainda em outros verbetes: Neco (violonista), Antenor de Oliveira (membro fundador do Ameno Resedá), Adalto (entusiasta do choro), Henrique (cavaquinista), nos textos sobre a polca e em homenagem ao falecimento de Quincas Laranjeiras.

⁶ Para mais informações, ver *Yvonne Rebello e Garoto: o Violão na Música de Radamés Gnattali antes da Tocata em Ritmo de Samba* (LIMA, 2020).

grog e dormir, quando sente a rua Conde de Baependi alvoroçada com um rumor de serenata, e novos vivas ao “Rei dos Ares” retumbando. Batem à porta. E o anfitrião da casa, o dr. José Carlos Rodrigues,⁷ que todo alvissareiro o convida para assistir à manifestação mais simpática e mais espontânea do dia.

– Venha ver que belo espetáculo!

Um grupo de boêmios com Eduardo das Neves à frente (crioulo que fora guarda-freios da Central, palhaço de circo, e ora se firmara, *par droit de conquête*, príncipe carioca dos cantadores de modinhas) capitaneava gloriosamente uma serenata-monstro em honra a Santos Dumont.

A vaga de gente que o acompanha ondula na escuridão e estaca indecisa ante os portões de ferro do palacete. Dois criados vão abrir, meio em pé, meio dormindo. E a turma avança...

Era a arraia-miúda, o povo sem coco nem cartola, povo em manga de camisa e pé no chão que, após a labuta diária, se mobilizava, também ele, para saudar à sua moda o herói do dia, formando cauda atrás da música de serenata.

Ventura Careca, preto, empunhava a “lira” (o pinho velho de guerra). Ele, Sátiro Bilhar, Quincas Laranjeira e Chico Borges. Os bambas de 1903 no violão. (Bilhar! O querido Bilhar! Como ele cantava bem o *Gosto de ti porque gosto!* Foi o autor da piada: “No dia em que deixar de beber fico tão contente que tomo um porre de todos os diabos!”).

Quatro cavaquinhos: Mário Álvares (o grande Mário!), Galdino, João Ripper (o maior boêmio do planeta) e **José Cavaquinho**.

Dois oficleides: Irineu de Almeida e Alfredo Leite (Timbó).

Três flautas: Passos (do Corpo de Bombeiros), Geraldo (dos Correios) e Felisberto Marques.

Luiz de Souza, o maior piston da época.

Lica, o rei do bombardão.

O Sinhô, com uma bandeira nacional que a chuva, embora frouxa, impedia de tremular.

Villa-Lobos, mocinho, de ocarina.

Oscar Bormann, atual delegado do Tesouro Brasileiro em Londres, fazendo número. Na frente, violão a tiracolo, Eduardo das Neves cantava essa modinha imortal de que compusera música e letra:

A Europa curvou-se ante o Brasil

E clamou parabéns em meigo tom.

Brilhou lá no céu mais uma estrela

E apareceu Santos Dumont. (FONSECA, 1940, p.163-164, grifo nosso).

Vemos reunidos nessa serenata⁸ alguns nomes de peso da história da música popular brasileira. Além de Eduardo das Neves⁹ (1874-1919), temos Sátiro Bilhar (1848-1926), homenageado por Villa-Lobos (1887-1959) na “Fuga da Bachianas Brasileiras n.º 1”, composta “à maneira de Sátiro Bilhar”, e por Ernesto Nazareth (1863-1934), que lhe dedicou o tango “Tenebroso”; Quincas Laranjeiras (1873-1935), Joaquim Francisco dos Santos, o “avô do violão moderno”; Irineu de Almeida (1863-1914), conhecido como Irineu Batina, foi professor de Pixinguinha (1897-1973); e Sinhô (1888-1930), José Barbosa da Silva, o “Rei do Samba”. São personagens que habitavam os mesmos espaços,

7 Redator-chefe do *Jornal do Commercio*. Segundo o *Almanak Laemmert* de 1903, o número da casa na rua Conde de Baependi era 9A.

8 É um evento que ganhou uma proporção maior pela participação de Villa-Lobos, que, na época, contava apenas 17 anos. Essa história é revisitada por Ary Vasconcelos em *A Nova Música da República Velha* (1985) e por Hermínio Bello de Carvalho em *O Canto do Pajé: Villa-Lobos e música popular* (1988).

9 Sua marcha *A Conquista do Ar* (1902), citada no texto de Fonseca como modinha, foi arranjada por Villa-Lobos anos mais tarde, em 1944, para coro a três vozes como parte do 2.º volume do Canto Orfeônico.

compartilhando vivências em uma mesma época, e alguns deles surgem outras vezes no decorrer da biografia de Rebello, como Sinhô, um dos fundadores do Ameno Resedá, e, principalmente, Quincas Laranjeiras.

Poucos anos mais tarde, alguns dos músicos presentes na serenata da rua Conde de Baependi aparecem reunidos em outra ocasião:

Esteve esplêndida a despedida musical do ex-aluno da Escola Realengo, Arthidoro da Costa, qual partiu ontem para Porto Alegre, com destino à Escola de Guerra [...]. Os executantes eram os professores: Irineu, Mário, Souza, **José Ra-bello** [sic], Gonzaga, Bilhar, H. Rosa e o dono da festa. Tão belo era o conjunto que não se sabia qual o mais apreciável. O professor Irineu fez maravilhas no seu oficleide; Mário entreteve todo o auditório com o seu cavaquinho mágico; o Souza, como sempre, encantou com o piston; o **José** revelou ser um violonista primoroso; o Gonzaga um contrabaixo *aveludado* como poucos; o Bilhar, extraordinário nos acordes e modinhas; o Rosa sempre entusiasmado e o Arthidoro, o festejado, salientou-se extraordinariamente com suas composições no violão. Abrilhantou muito a festa o poeta Catullo P. Cearense, que cantou suas modinhas já tão ufanadas e depois de recitar algumas poesias suas, improvisou um belíssimo soneto para o festejado. Eram 5 horas da manhã quando se retiraram os convidados, levando todos a mais grata recordação daquela festa artística, íntima e deliciosa. (JORNAL DO BRASIL, 1906, p.7, grifos nossos).

Em 1909, o “Grupo do Zé Cavaquinho” lança duas gravações, conforme consta na página da Discografia Brasileira do Instituto Moreira Salles: “Felicidade”¹⁰ (Odeon R 108252) e “Lilita” (Odeon R 108253):

Fig. 1: Selo disco Odeon R108252 – choro “Felicidade”. Fonte: Discografia Brasileira/IMS.



¹⁰ *Felicidade* parece ter conquistado um lugar de destaque no meio do choro. Além deste disco, há na fase inicial de gravações mecânicas três outros registros desta peça: Grupo do Malaquias, 1904 (Odeon R 40134/40136); Grupo Luiz de Souza, 1912 (Columbia R B-118), trompetista que esteve na serenata em homenagem a Santos Dumont, em 1903; e Grupo Morro do Pinto, 1912 (Odeon R 108726).

Fig. 2: Selo disco Odeon R108253 – choro “Lilita”. Fonte: Discografia Brasileira/IMS.



Infelizmente, não há como identificar os músicos que participaram desses registros. A formação instrumental é a mesma em ambas as gravações – o clássico “terno” flauta, cavaquinho e violão –, o que dificulta saber qual deles de fato é José Rebello, uma vez que ele tocava todos esses instrumentos. Não há menção à autoria das composições, mas, em consulta ao acervo on-line de partituras da Casa do Choro, constatamos que a primeira peça é uma polca de Albertino Pimentel (1874-1929), o Carramona, cujo título original é no plural, “Felicidades”. A segunda, também uma polca, é de autoria de Henrique Nepomuceno Dourado (?-1909), conhecido como Henriquinho.

Logo no início, ouvimos a clássica voz que precedia as gravações da Casa Edison: “Felicidade, choro pelo Grupo Zé Cavaquinho para Casa Edison, Rio de Janeiro”. Curiosamente, na outra polca o locutor anuncia: “Lilita, choro pelo Grupo do Cavaquinho de Ouro para Casa Edison, Rio de Janeiro”. De acordo com a página da Discografia Brasileira do IMS, há somente um registro creditado ao “Grupo do Cavaquinho de Ouro”, a polca “Adiles” (Odeon R 10213), de Manoel Malaquias (?-1940), gravada em 1906. A formação é praticamente a mesma – flautim, cavaquinho e violão –, com o mesmo tipo de sonoridade e de “sotaque” interpretativo.

Quanto à classificação, polca ou choro, alguns termos eram empregados com certa liberdade nas primeiras décadas do século XX, quando o choro, como gênero musical, ainda estava em fase de desenvolvimento. Em depoimento ao MIS, em 1968, Pixinguinha observa: “Quando fiz a música, ‘Carinhoso’ era uma polca lenta. Naquele tempo, tudo era polca. O andamento era esse de hoje. Por isso, eu chamei de polca-lenta ou polca vagarosa. Depois, passei a chamar de choro”.¹¹

Fundada em 1889, a loja e fábrica de instrumentos de corda Ao Cavaquinho de Ouro foi um importante ponto de encontro dos músicos da época. Em 1905, mudou-se da rua da Carioca, n.º 92, para a rua da Alfândega, n.º 168 A, endereço em que se situava quando foram realizadas as gravações supracitadas:¹²

11 MIS-RJ. Depoimentos para a Posteridade Pixinguinha, 22 abr. 1968.

12 A partir de 1915, os anúncios trazem um terceiro endereço, na rua Uruguaiana, n.º 137.

Fig. 3: Ao Cavaquinho de Ouro na rua da Alfândega, n.º 168 A. Fonte: O Malho (1905, p.9).

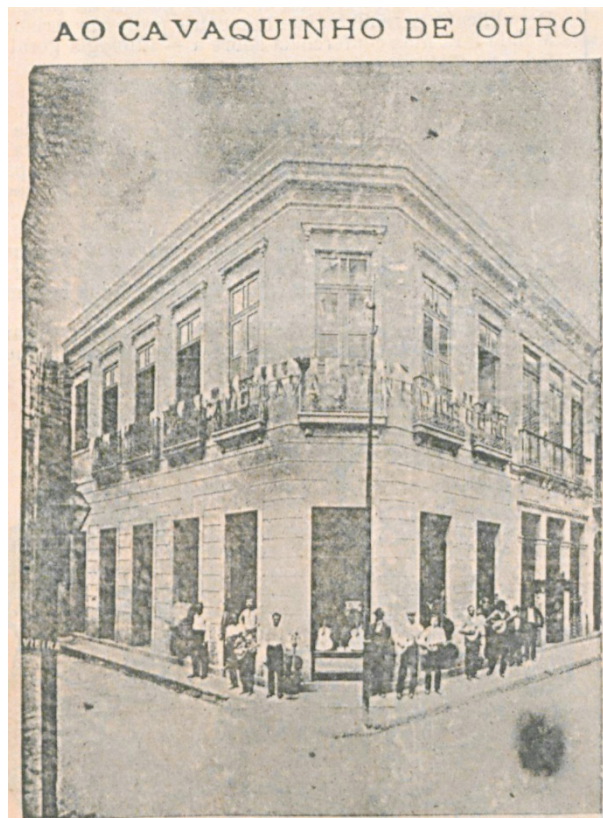


Fig. 4: Anúncio Ao Cavaquinho de Ouro. Fonte: A Capital (1909, p.4).



Na Coleção Almirante, no MIS-RJ, há um documento contendo dados biográficos de Quincas Laranjeiras que completariam seu verbete no *Dicionário de Músicos e Compositores Brasileiros*. Na última página, consta um breve depoimento de José Cavaquinho:

A primeira vez que vi o Quincas foi na Rebeca de Ouro, R. Carioca,¹³ que era estreitinha, onde eu estava comprando cordas. Quincas estava no balcão, pegou um violão e pegou a dedilhar em cima do balcão. Daí (eu nesse tempo tocava cavaquinho, já tinha o apelido) e vivia lá pelas Laranjeiras. Foi quando uma noite havia um baile na Rua Ipiranga, e surge lá a turma do Cavaquinho de Ouro – Gustavo, Quincas, o irmão do Gustavo – e eu estava tocando na festa com meu conjunto – (cavaquinho – violões). Fizemos amizade sólida.

¹³ A referência ao endereço do Cavaquinho de Ouro na rua da Carioca indica que esse encontro se deu, portanto, antes de 1905.

Coincidiu que o Mário Cavaquinho – que era o cavaquinho *spalla* do conjunto deles que era composto de Quincas – José Fragoso – Fernando Senra – e o Mário. Por esse tempo Mário brigou com os companheiros e se desligou do conjunto. Eles me viram no baile e me trouxeram para o Cavaquinho de Ouro, R. Carioca – para ingressar no seu grupo.

Foi então quando eu conheci muitas músicas do Anacleto, Irineu que eram desconhecidas para mim. Quincas tirava no violão e eu tirava no cavaquinho. Inclusive o 'Romance' de [Arthur] Napoleão. Demos muitas audições, inclusive na Guarda Velha. (CAVAQUINHO, [s.d.], n.p.).

José Rebello e Quincas, que depois se estabeleceriam como expoentes do violão solista brasileiro – em várias frentes, como intérpretes, compositores e professores –, podiam figurar também em uma crônica como esta publicada no periódico humorístico *O Rio Nú*, em agosto de 1907 (ano de fundação do Ameno Resedá). Aqui, o autor que assinava com o pseudônimo Língua de Prata faz o relato de uma festa:

Amavelmente convidado pelo grupo dos Fumengas, toquei rasgado para a Caverna da Resistência, da zona Sant'Ana. Lá fui recebido pelo camaradão lord Batuta, um dos promotores da festa que ali se realizava [...]. E quando a Marieta terminava o pedido, veio o lutador e acardosado Jayme que, com a vênica do Barãozinho, caía num quebra medonho, solado pelo glorioso Quincas Laranjeira [sic] e acompanhado na flauta pelo Emilinho e o **José Cavaquinho** e amenizado pelos acordes do bom cavaquinho do Lulu, que estava radiante [...]. (O RIO NÚ, 1907, p.7, grifo nosso).

Por ocasião da "1ª Feira de Amostras do Distrito Federal", foi publicado em 30 de junho de 1928 o livreto *Histórico do "Cavaquinho de Ouro" e o Ressurgimento do Violão*.¹⁴ Além de reunir informações sobre as origens do estabelecimento, seu fundador, Francisco Garcia de Andrade (1864-1927), e a construção de instrumentos, este material trata também da história do violão e de alguns personagens do meio musical vinculados àquele espaço. Dentre suas frentes de atuação, as atividades de ensino cumpriam um importante papel:

O "Cavaquinho de Ouro" tem sido, desde os pródromos de sua fundação, um centro de grandes artistas, que aí tiveram a sua completa formação, muitos dos quais ainda o frequentam assiduamente, tendo sido, portanto, um constante incentivador da arte musical. Foi, com efeito, de seu meio que se originou o movimento social de reabilitação, principalmente, do violão, modalidade ampliada do cavaquinho, da viola, violino, banjo ou violoncelo. Aqui, iniciaram os estudos artísticos do violão Joaquim Francisco dos Santos, que é o grande e querido "Quincas Laranjeira" [sic], criador ou estilizador do solo do violão, entre nós, e **José Rebello da Silva**, ou o famoso "**José Cavaquinho**", assim cognominado por ter sido um exímio estilista do cavaquinho, e que é, na atualidade, por suas requintadas preocupações clássicas do solo, um autêntico esteta do violão. (CAVAQUINHO DE OURO, 1928, n.p., grifos nossos).

¹⁴ O acesso a este conteúdo e aos documentos do MIS-RJ só foi possível graças à imprescindível colaboração do violonista e pesquisador Humberto Amorim, a quem deixamos nossos sinceros agradecimentos.

Mais uma vez, aparecem juntos os nomes de José Rebello e Quincas Laranjeiras. Neste livreto há também menção à “Yvonne Rebello, a ‘menina do violãozinho’,¹⁵ criação artística de seu pai José Rebello da Silva, é uma precoce triunfadora do solo, fadada ao maior êxito, por sua expressional intuição estética do violão” (CAVAQUINHO DE OURO, 1928, n.p.).

Ainda sobre o Cavaquinho de Ouro, Alexandre Gonçalves Pinto comenta no verbete “Chorões Antigos”:

Os músicos na sua maioria faziam ponto nos chás de músicas da rua dos Ourives, 50, de propriedade de Buchmann Guimarães e Bevilaqua, e Moreira, à rua Gonçalves Dias, e também no Cavaquinho de Ouro, à rua da Carioca, e Rabeca de Ouro na mesma rua. Nos botequins encontravam-se os malandros chorões, cantando modinhas e assobiando, ao ouvido de outros prediletos do choro. E assim compunham músicas de inspirações e melodias, que satisfaziam os apreciadores das esplêndidas serenatas ao luar, onde os arpejos dos violões as notas sonoras da flauta, e vibrações do cavaquinho [...]. (PINTO, 1978, p.96-97).

O estabelecimento também é citado por Vasco Mariz em seu livro *Heitor Villa-Lobos: o homem e a obra*:

Villa-Lobos pertenceu a um grupo de seresteiros de escol. Seu quartel-general era o Cavaquinho de Ouro, na rua da Carioca, onde recebiam convites de toda espécie para tocar nos lugares mais diversos. Faziam parte do grupo, cujo chefe era Quincas Laranjeira [sic], os seguintes chorões: Luiz de Souza e Luiz Gonzaga da Hora¹⁶ (pistão-baixo), Anacleto de Medeiros (saxofone), Macário e Irineu de Almeida (oficleide), **Zé do Cavaquinho** (cavaquinho), Juca Kalu [sic], Spíndola e Felisberto Marques (flauta). O repertório abrangia peças de Calado [sic], Nazaré [sic], Luiz de Souza e Viriato. (MARIZ, 2018, p.43, grifo nosso).¹⁷

No parágrafo inaugural de seu livro *Heitor Villa-Lobos e o Violão*, Turíbio Santos menciona a figura de Rebello, juntamente com outros personagens, ao ressaltar o convívio de Villa-Lobos com os “boêmios chorões do Rio de Janeiro” (SANTOS, 1975, p.5):

Quincas Laranjeiras, Anacleto de Medeiros, **Zé do Cavaquinho**, Catulo da Paixão Cearense, João Pernambuco, Ernesto Nazareth, Sátiro Bilhar, Donga foram algumas das testemunhas do traço de união violão-música popular brasileira na vida de Heitor Villa-Lobos. (SANTOS, 1975, p.5, grifo nosso).

A relação de Villa-Lobos com o choro e a convivência com os chorões é amplamente conhecida e documentada na literatura sobre o compositor. Mariz nos revela ainda um importante ponto de contato entre Villa-Lobos e José Rebello da Silva – que, por sinal, eram contemporâneos, coincidentemente ambos nascidos no mês de março, sendo Rebello três anos mais velho que Villa-Lobos:

15 Yvonne, na época com apenas 12 anos, era assim chamada por causa do violão de menor tamanho mais adequado à sua idade.

16 Músico, funcionário do Arsenal de Marinha e um dos fundadores do Ameno Resedá.

17 Dentre os músicos mencionados, Quincas Laranjeiras, Luiz de Souza, Irineu de Almeida, José Rebello e Felisberto Marques participaram da serenada em homenagem a Santos Dumont, em 1903.

A morte do pai, em 1899, dera grande liberdade ao endiabrado Heitor, que imediatamente tratou de aproximar-se de seus ídolos, os chorões, os autores daquela música buliçosa [...] Para melhor introduzir-se nos diversos grupos de chorões – imaginou –, seria hábil falar-lhes ao coração, isto é, pagar-lhes, de quando em vez, uma boa pinga. Mas como fazê-lo?... E assim, o restante da valiosa biblioteca de Raul Villa-Lobos foi sendo paulatinamente desfalcada para a melhor entabulação de relações diplomáticas com os chorões. Foi um período delicioso para Tuhu, que não tardou a aprender um pouco de capoeiragem e se divertia a apanhar preás com um rapaz muito hábil, o futuro **Zé do Cavaquinho**, figura representativa dos chorões cariocas. Curioso e sentimental é revelar que o mesmo **Zé do Cavaquinho**, companheiro de 45 anos de lutas, foi depois funcionário do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico,¹⁸ organizado e dirigido por Villa-Lobos. (MARIZ, 2018, p.35, grifos nossos).

A fim de obter mais informações sobre o vínculo de Rebello com o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, foi realizada uma busca nos arquivos do Museu Villa-Lobos, mais precisamente na série documental “Educação Cívico-Artística”, em que estão inseridas as pastas relacionadas ao Conservatório. Infelizmente, não há registros quanto à natureza do cargo que Rebello teria ocupado,¹⁹ mas sua ligação com a instituição está comprovada no livro *No Tempo de Noel Rosa*, de Almirante²⁰ (1908-1980). O primeiro capítulo, “Antecedentes Folclóricos”, trata da disputa sobre os direitos autorais de “Caboca de Caxangá” e “Luar de Sertão” e a devida atribuição do crédito a João Pernambuco (1883-1947). O livro reproduz em fac-símile quatro depoimentos atestando a autoria das canções, sendo os dois primeiros de Villa-Lobos e José Rebello. Vemos na declaração de Rebello um rigor ético e musicológico ao apresentar os fatos:

Conheci João Pernambuco, a quem dei mesmo algumas aulas de violão, logo que ele chegou no Rio e quando morava no Rio Comprido e trabalhava como malhador de ferro. Conheci também intimamente o Catulo – fui seu acompanhador muito tempo, inclusive tomando parte na sua apresentação no Conservatório de Música, em 1908, quando ele se apresentou em público pela primeira vez. Fui testemunha da amizade iniciada entre Catulo e João Pernambuco. Tenho a mais absoluta certeza de que a melodia do “Luar do Sertão” não é de autoria de Catulo. Catulo somente fazia versos para melodias de outros, conhecidas ou desconhecidas. Sei que há músicas publicadas com seu nome como compositor, mas tenho a certeza de que isso vem do fato de não se conhecerem seus verdadeiros autores. As músicas de “Caboca de Caxangá” e “Luar do Sertão” que todos atribuem a Catulo somente, foram primeiro cantadas na nossa roda pelo João Pernambuco. Não posso jurar que tais músicas sejam de João Pernambuco, mas sei perfeitamente que foi ele quem as deu ao Catulo e que, as músicas que depois apareceram com os versos da “Caboca de Caxangá” e “Luar do Sertão” foram as mesmas que João Pernambuco cantava antes, as mesmíssimas, sem a menor modificação ou arranjo.

18 As atividades educacionais da Sema (Superintendência de Educação Musical e Artística) prosseguiram num crescendo até a criação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, em 26 de novembro de 1942, pelo Decreto-Lei n.º 4.993 (MARIZ, 2018, p.158). O Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, situado no bairro da Urca, possuía excelentes instalações técnicas e contava com alguns dos nomes mais representativos do magistério musical brasileiro, a saber: Oscar Lorenzo Fernandez, Andrade Muricy, Brasília Itiberê, José Vieira Brandão, Iberê Gomes Grosso etc. (MARIZ, 2018, p.160).

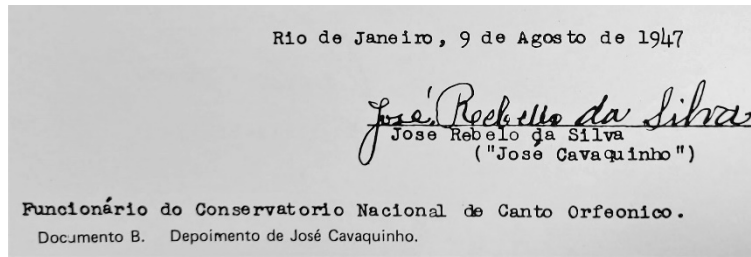
19 Na verdade, seu nome consta em apenas um documento (juntamente com nove outras pessoas), uma lista de “vales” assinada por Villa-Lobos em 23 de setembro de 1944 (HVL 04.04.0003).

20 Apelido do cantor, compositor, radialista e pesquisador Henrique Foréis Domingues.

Faço a presente declaração de motu-proprio, sem o menor constrangimento, pois tudo que aí está é a expressão da verdade. (SILVA *apud* ALMIRANTE, 1977, n.p.).

Ao final, após sua assinatura, consta sua posição como funcionário do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico:

Fig. 5: Assinatura de José Rebello da Silva. Fonte: Almirante (1977, n.p.).



Almirante já havia levantado a polêmica sobre a autoria de “Luar do Sertão” em seu programa apresentado no dia 27 de março de 1945, na Rádio Nacional (CABRAL, 1990, p.230). Apesar do depoimento de José Rebello ser de 1947,²¹ o livro *No Tempo de Noel Rosa* só foi publicado em 1963. No entanto, anos antes Almirante já cita esses documentos (inclusive fazendo menção ao nome de Rebello) em uma matéria publicada no *Jornal do Brasil* em novembro de 1957 (NEGREIROS, 1957, p.1).

João Pernambuco teve então o justo reconhecimento, mesmo que tardiamente, como o autor dessas canções letradas por Catulo (1863-1946). Uma informação que merece destaque é o fato de Rebello ter dado algumas aulas de violão a João Pernambuco. A referência ao bairro na declaração acima situa o contato inicial entre os dois violonistas exatamente no período em que João Pernambuco chegou ao Rio de Janeiro, em 1904, quando ambos tinham 20 anos (sendo Pernambuco poucos meses mais velho que Rebello):

E é assim que João Teixeira Guimarães ao chegar no porto, sem o endereço de sua irmã Maria, começa a perguntar às pessoas que por ali circulavam, se tinham visto ou conheciam seu irmão José. Nesta época, José trabalhava como condutor de bonde numa linha que tinha como ponto de retorno o porto do Rio. Aqui, João o avista e, depois de conversarem, José lhe dá o endereço de sua irmã que residia no **Rio Comprido** (conforme depoimento de sua sobrinha Cecy, filha de José Teixeira Guimarães). (LEAL; BARBOSA, 1982, p.17, grifo nosso).

Poucos dias após a redação do depoimento de Rebello sobre a autoria de “Caboca de Caxangá” e “Luar do Sertão”, datado de 9 de agosto de 1947 (Fig. 5), na edição de 12 de agosto de 1947 de *O Jornal* há a chamada para o programa História das Orquestras e Músicos do Brasil,²² de Almirante, transmitido pela Rádio Tupi, que teria como tema naquele

21 Assim como os demais, de Villa-Lobos, Benjamin de Oliveira/Alcebíades Carreiro, Sylvio Salema Garção Ribeiro e Mozart de Araújo (este transcrito no livro ao invés de constar como fac-símile).

22 A primeira edição do programa História das Orquestras e Músicos foi ao ar em novembro de 1944, na Rádio Nacional, onde depois passou a se chamar História das Orquestras e Músicos do Rio. Em 1946, ao se transferir para a Rádio Tupi, Almirante levou o programa que foi então intitulado História das Orquestras e Músicos do Brasil.

dia a vida de José Rebello.²³ Essa proximidade, de certa forma, ratifica a presença de seus materiais (textuais e partituras) na Coleção Almirante, abrigada no MIS-RJ.

Ameno Resedá

No dia 17 de fevereiro de 1907, na ilha de Paquetá, foi fundado o rancho carnavalesco Ameno Resedá ou, mais formalmente, a Sociedade Dançante Carnavalesca Ameno Resedá (EFEGÊ, 2009, p.29). Segundo Efegê (2009, p.38-39), não há como saber exatamente quem estava presente naquele dia, mas que é possível relacionar como fundadores os seguintes carnavalescos: Adalgisa Lopes de Carvalho, Alarico Patrocínio, Alfredo Mascarenhas, Alfredo Pereira, Álvaro Ferreira, Álvaro Fonseca, Analia de Oliveira, Antenor de Oliveira, Antônio Felipe Mascarenhas, Arthur de Carvalho, Augusto de Almeida, Elisa de Carvalho, Esperança de Souza, Firmino Carolino da Cunha, Joana Martins, João Barbosa Lima, João Guimarães, João da Paixão, José Barbosa da Silva (o Sinhô),²⁴ José Eneris, José Francisco Pereira, José Rebello da Silva, Luiz Gonzaga da Hora, Manuel Silva, Maria da Glória, Maria Isabel do Espírito Santo, Mário Eugênio Cardoso, Napoleão de Oliveira, Olívio Faria Martins, Oscar Maia, Pedro Paulo Pereira da Silva, Rosalina dos Reis Valle e Victor Luiz dos Santos.

Poucos meses depois, na edição de 11 de maio de 1907, o *Jornal do Brasil* anuncia:

Ameno Resedá
Rua do Catete, 206
Hoje, Grande Forrobodó de Macidra
Oferecido ao notável pistonista Luiz de Souza, que será acompanhado de seu choro.
Neste baile tomará parte a competente orquestra, sob a regência do ilustre **José Cavaquinho**. (JORNAL DO BRASIL, 1907, p.7, grifo nosso).

O Ameno Resedá logo se estabeleceu como um marco na história do Carnaval carioca por suas inovações na realização dos desfiles, pelas ideias audaciosas de trabalhos plásticos, de vestimenta, pela qualidade do grupo instrumental e das marchas que compunham o repertório, todo um conjunto de valores que fez o Ameno Resedá ser conhecido como “rancho-escola” (EFEGÊ, 2009, p.20-21). Em 1908 deu-se sua estreia no Carnaval com o enredo “Corte Egípciana”. A respeito da parte musical, Efegê descreve:

Integrando o grandioso conjunto vinha, como sua grande atração, magnífica orquestra dirigida por **Zé Cavaquinho (José Rebello [sic] da Silva)** e composta de mais de duas dezenas de músicos categorizados. Executava variado repertório que, segundo informe de Napoleão de Oliveira, compunha-se de quatorze marchas. Vibrantes, de exuberante riqueza melódica onde sobressaíam acordes triunfais valorizados pelo jogo de vozes que um corpo coral vultoso e rigorosamente afinado interpretava sob a regência de Antenor de Oliveira, as

23 Segundo Giuliana Souza de Lima (2012, p.62), o material pesquisado para esse programa culminaria em uma tentativa de criar um dicionário de músicos e compositores brasileiros, contribuindo para estabelecer uma “linha evolutiva” da música popular urbana, resultando em edições como *História da Música Popular Brasileira*, lançada na década de 1970.

24 Que também havia participado da serenata em homenagem a Santos Dumont, em 1903.


marchas eram entoadas como hinos de vitória. Empolgava, desse modo, não só aos ouvintes, mas a todo o rancho.

A orquestra, o coral, o luxo das fantasias, a figuração do enredo e, sobretudo, a exata coordenação de todos esses valores artísticos para se obter resultado total imponente, era uma inovação deslumbrante e arrebatadora. (EFEGÊ, 2009, p.93-94, grifos nossos).

A orquestra, composta de metais, madeiras, violões, bandolins etc., reunia integrantes que, segundo Efegê (2009, p.99), eram – quase todos – capazes de ler música na pauta. Efegê comenta que os músicos participavam por amor ao clube, sem qualquer remuneração, incluindo nomes de destaque, como José Rebello, Quincas Laranjeiras e Henrique Martins (trombonista, ex-integrante da orquestra do Theatro Municipal). Posteriormente, juntaram-se à orquestra outros músicos de relevo do cenário do choro, como Bonfiglio de Oliveira (1894-1940), Álvaro Sandim (?-1922) e Albertino Pimentel.

Fig. 6: Nota sobre o rancho Ameno Resedá no Carnaval de 1908. Fonte: O Século (1908, p.2).

Ameno Resedá



E' um rancho de tentar quem é serio e não gosta dessas brincadeiras o Resedá.

A directoria actual desse grupo deste modo é a seguinte: presidente, Eugenio Mario Cardoso; vice, João Manoel da Paixão; secretarios, Olivio Faria Martins e Alvaro Fonseca; thesoureiros, Seraphim Meno e José Francisco Pereira; fiscaes, Antonio Mascarenhas e Americo Candido de Brito; directores A. Oswaldo de Oliveira e A. Vicente Dantas; mestre de orchestra, Joé Rebello da Silva e mestre geral Joaquim da Rocha Galvão.

E' um pessoal cuéra na modinhas, ao som dos cavaquinhos, violões, pandeiros e castanholas, soltam, com toda força dos pulmões, a voz:

Parece um sonho tanta harmonia.
Como isto é bello, ó que alegria!
Ninho de amor que lindo está!
Levando palmas ao Resedá.

E' uma delicia!
O rancho sairá durante os tres dias de carnaval.

Em janeiro de 1911, o *Correio da Manhã* (1911, p.3) publica uma nota sobre a participação do Ameno Resedá no Carnaval daquele ano. “Está apuradíssima a Sociedade Dançante e Carnavalesca Ameno Rezedá [sic], para as próximas lutas de Momo.” José Rebello é mencionado como 1.º mestre de harmonia e, mais adiante, puxa a fila da formação instrumental:

Orquestra: diretor, **José Rabello** [sic] da Silva, flauta; auxiliar, José da Silva, clarinete; Luiz Gonzaga, bombardão; Henrique Martins, trombone; Nelson Acyoli, piston; Paulino Martins, saxo [sic]; Izaías, bombardino; Joaquim dos Santos [Quincas Laranjeiras], violão-baixo; Henrique da Cunha, Martinho Procópio, Estolavo Reis e José Maria Mineiro, violões, e Humberto Nascimento, cavaquinho. (CORREIO DA MANHÃ, 1911, p.3, grifo nosso).

Os jornais da época revelam que o instrumento principal de Rebello associado à sua atuação no Ameno Resedá não era o violão ou o cavaquinho, mas sim a flauta (como pode ser comprovado pelas imagens a seguir, Fig. 8 e 9): “o prodigioso ‘José Cavaquinho’ – que fez da flauta o seu venerável instrumento” (DIÁRIO CARIOCA, 1931, p.11) foi também chamado como o “homem da flauta mágica” (JORNAL DO BRASIL, 1919, p.8).

A fama do rancho carnavalesco era tamanha que chegou até a despertar o interesse do então presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca (1855-1923). A seu convite, no domingo de Carnaval de 1911, o Ameno Resedá realizou uma apresentação no Palácio Guanabara para o presidente, a primeira-dama, Sra. Orsina da Fonseca (1858-1912), os ministros e demais convidados. O enredo, denominado “Corte de Belzebuth”, teve seu préstito documentado em fotografia, talvez as imagens mais célebres do rancho-escola. Na primeira figura (Fig. 7) estão Napoleão de Oliveira e Antenor de Oliveira (1881-1912), terceiro e quinto, em pé, da esquerda para a direita, respectivamente:

Fig. 7: Carnaval de 1911 – Corte de Belzebuth. Fonte: Careta (1911, p.26).



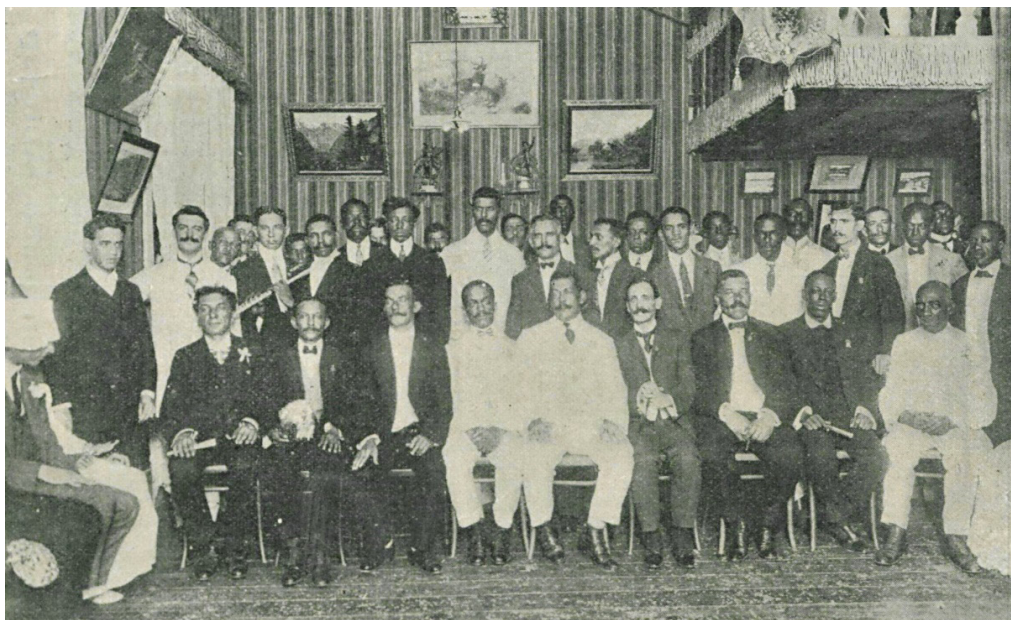
Fig. 8: Carnaval de 1911 – Corte de Belzebuth – Orquestra e Comissão de Frente. Fonte: Efegê (2009, n.p.).



Este é um raro documento com a única imagem reunindo José Rebello e Quincas Laranjeiras (identificados na Fig. 8 com os números 1 e 8, respectivamente), aqui retratados lado a lado.²⁵

Na edição do dia 18 de fevereiro de 1911, a revista *O Malho* (1911, p.15) publica uma foto dos “Diretores e sócios do C. D. Carnavalesco Ameno Resedá na noite do grande baile, ali realizado, em 4 do corrente, para festejar a entrada do mês de Momo”:

Fig. 9: Diretores e sócios do C. D. Carnavalesco Ameno Resedá. Fonte: *O Malho* (1911, p.15).



25 Os demais integrantes são: 2) Eugênio Mário Cardoso; 3) Albertino Barbosa; 4) Oswaldo Coutinho; 5) João; 6) José da Silva (Baianinho); 7) Henrique Martins; 9) Luiz Gonzaga [possivelmente Luiz Gonzaga da Hora]; 10) Cesarino; 11) Octavio; 12) José Conceição; 13) Henrique Cunha (Henrique Gato); 14) José dos Santos (Zé Pandeiro); 15) Mineiro; 16) Estulano; 17) Pedro Crioulo; 18) Luiz de Souza; 19) Neca; 20) Humberto; 21) Jorge Seixas.

Os membros do clube não são identificados na revista, mas, tendo como base a fotografia da Comissão de Frente (Fig. 8), é provável que Rebello seja o homem de bigode empunhando a flauta, o quarto da esquerda para a direita na fileira em pé.

São dessa época os únicos registros sonoros do rancho, realizados ainda na fase mecânica das gravações, dos quais muito provavelmente José Rebello participou. Porém, não há como saber se como intérprete ou regente:

Quadro 1: Gravações do Ameno Resedá lançadas em 1910. Fonte: Discografia Brasileira/IMS.

Ano de lançamento – 1910		
Título	Gênero	Disco
Carnaval de 1910	Dobrado	Brazil R 70244
Filha do Inferno ²⁶	Opereta	Brazil R 70246
Jubileu (Anacleto de Medeiros)	Dobrado	Brazil R 70247
Wel' Dhvio ²⁷	Dobrado	Brazil R 70248
Viúva Alegre (Franz Lehár)	Opereta	Brazil R 70249
Sobre as Ondas (Juventino Rosas)	Barcarola	Brazil R 70255

É curioso observar a combinação eclética do repertório executado nos desfiles do rancho, incluindo desde composições próprias alinhadas ao Carnaval (marchas e dobrados) até peças em voga da música de concerto, como “Viúva Alegre” (estreada poucos anos antes, em 1905, em Viena) ou “Sobre las Olas”, valsa do compositor mexicano Juventino Rosas (1868-1894). Segundo Efegê (2009, p.103), trechos de ópera e operetas eram aproveitados, como “O Guarani” (Carlos Gomes), “La Bohème” (Puccini), “Geisha” (Sidney Jones), “Conde de Luxemburgo” (Franz Lehár), entre outros, dando-lhes ritmo de marcha-rancho, com versos em português explorando os enredos do momento.

Os próximos registros, lançados em 1913, são todos de composições de Antenor de Oliveira:

26 De Charles Grisart.

27 Provavelmente de Hippolyte Maquet.

Quadro 2: Gravações do Ameno Resedá lançadas em 1913. Fonte: Discografia Brasileira/IMS.

Ano de lançamento – 1913 (todas gravadas no dia 25 de setembro de 1911)		
Título	Gênero	Disco
Odalisca	Marcha	Odeon R 120399
Nunes Leite	Dobrado	Odeon R 120308 / 120310
Severino Marques	Dobrado	Odeon R 120308 / 120310
Salve	Schottisch	Odeon R 120311
Portugal e Brasil	Dobrado	Odeon R 120312
Saudação à Águia	Marcha	Odeon R 120313

Em 1912, há duas mudanças significativas na parte musical: o nome de José Rebello não aparece nas notícias sobre o rancho, tendo José Nunes como diretor de harmonia, e Napoleão de Oliveira assumiu a função de diretor de canto, uma vez que Antenor de Oliveira estava afastado por motivo de saúde (JORNAL DO BRASIL, 1912, p.9). A edição do *Correio da Manhã* do dia 15 de fevereiro de 1912 divulga a apresentação do Corpo Coral da Sociedade Ameno Resedá no Theatro Carlos Gomes:

Fig. 10: Programa da apresentação do Ameno Resedá no Theatro Carlos Gomes, em 1912. Fonte: Correio da Manhã (1912, p.14).

THEATRO CARLOS GOMES
 Empresa Paschoal Segreto

HOJE QUINTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO HOJE
 Às 8 1/2 e às 10 1/4 da noite

Duas sessões de canticos, marchas, dobrados, etc.
 PELO APPLAUDIDO

Corpo Coral da Sociedade Ameno Resedá

Às 8 1/2 **PROGRAMMA** Às 8 1/2

<p>1ª sessão 1ª PARTE I. O Ameno—Marcha de Joaquim F. dos Santos, letra de A. de Oliveira. II. Mariposas—Marcha de Antenor de Oliveira e letra do mesmo. III. Taça Scabra—Dobrado de Helú Santos, letra de A. de Oliveira. 2ª PARTE IV. O Dia—Marcha de Octavio Velloso, letra de A. de Oliveira. V. Wel d'liv—Dobrado de H. Maquet, letra de A. de Oliveira. VI. Gaço e civismo—Dobrado de Albertino Pimentel, letra de Pedro Paulo.</p>	<p>2ª sessão 1ª PARTE I. Vagalume—Dobrado de Albertino Pimentel, letra de A. de Oliveira. II. Frenú de amor—Valsa de Alfredo Barbioli, letra de Napoleão de Oliveira. III. Condemnado—Dobrado de Helú Santos, letra de A. de Oliveira. 2ª PARTE IV. Glorioso—Fado de Alfredo Nunes, letra de Napoleão de Oliveira. V. Conde de Luxemburgo—Valsa de Franz Lehar, letra de A. de Oliveira. VI. Victória—Marcha de Alfredo Nunes, letra de A. de Oliveira.</p>
--	--

Preços de cinema

Um detalhe que merece destaque é a peça que abre o programa, a marcha “O Ameno”,²⁸ de Joaquim Francisco dos Santos, o Quincas Laranjeiras, com letra de Antenor de Oliveira, que, infelizmente, veio a falecer neste mesmo ano.

28 Composição cuja partitura ainda não foi localizada.

Na fase dos preparativos para o Carnaval de 1913, o *Jornal do Brasil* publica:

À proporção que o Carnaval se aproxima, o Ameno Resedá vai apurando os seus ensaios e aperfeiçoando a sua gente para que o sucesso do Ameno seja uma realidade.

E, como o bom filho à casa torna, o **Zé Cavaquinho**, o estimado **Sr. José Rabello** [sic] **da Silva**, antigo diretor de harmonia, volta ao seu antigo posto, assumindo a batuta do Ameno Resedá o respectivo diretor, Sr. Henrique Martins.

E, como quem foi rei sempre teve majestade, o **Zé Cavaquinho** vai nos fazer lembrar o Resedá, de alguns anos atrás, quando tivemos ocasião de apreciar marchas como *Saudação da águia*, *Sahirá* [sic], *Vagalume* e outras. (JORNAL DO BRASIL, 1913, p.9, grifos nossos).

O enredo do Ameno para o Carnaval deste ano era “Confraternização da Paz Universal”, e, sobre a participação de Rebello no cortejo, o jornal *O Paiz* comenta:

O diretor de harmonia representou o poderoso Império do Sol Nascente, o Japão, pelo digno maestro e exímio professor José Rabello [sic] da Silva, bizarramente enroupado com o costume de mandarim. O conjunto musical foi composto de 25 professores, todos fantasiados à japonesa, personificando dignatários da corte imperial. (O PAIZ, 1913, p.2).

Neste ano foi publicada pela Casa Arthur Napoleão a polca “Ameno Resedá”, de Ernesto Nazareth, oferecida “ao glorioso Rancho Carnavalesco do mesmo nome”:

Fig. 11: Compassos iniciais do manuscrito autógrafo de Ernesto Nazareth da polca “Ameno Resedá”. Fonte: Biblioteca Nacional.



De acordo com seu depoimento ao MIS, em agosto de 1969,²⁹ Napoleão de Oliveira, que trabalhava como carteiro na rua do Ouvidor, após o expediente costumava ouvir Nazareth tocar no cinema Odeon. Em uma dessas ocasiões, externou sua vontade de ter uma música do pianista dedicada ao clube, pedido que mais tarde foi atendido, resultando em uma das peças mais famosas de Nazareth. Foi gravada pela primeira vez pelo Grupo do Louro, ainda em 1913, no mês de outubro, sendo lançada no ano seguinte (disco Odeon R 120828/120829).

Há outra peça homônima – também uma polca – datada de 1911, mas que é muito menos conhecida. De autoria de Albertino Pimentel, frequentador assíduo do Ameno

29 MIS-RJ. Depoimentos para a Posteridade Napoleão de Oliveira, 22 ago. 1969.

Resedá, foi gravada pela Banda do Corpo de Bombeiros (disco Favorite R 1-452136), grupo do qual era regente desde o falecimento de Anacleto de Medeiros (1866-1907).

Conforme mencionado no verbete de Alexandre Gonçalves Pinto no início deste artigo, José Rebello também foi funcionário público, como, aliás, vários outros personagens citados em seu livro. Era uma realidade entre os músicos de choro da época que ocupavam postos no Arsenal da Marinha (Antenor de Oliveira e Luiz Gonzaga da Hora), nos Correios (Napoleão de Oliveira e o próprio Alexandre Gonçalves Pinto), na Inspetoria de Higiene e Assistência Pública (Quincas Laranjeiras), Alfândega, Prefeitura etc. Na edição de 1913 do *Almanak Laemmert*, há o primeiro registro de José Rebello na função de contínuo no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Praia Vermelha – Segunda Seção. Em consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Rebello aparece relacionado nesse cargo nas edições do *Almanak* de 1913, 1914, 1915, 1916 e 1918.

No Carnaval de 1914, por decisão de grande parte da diretoria, o Ameno Resedá realizou o desfile com carros alegóricos em vez do tradicional rancho, gerando uma dissidência interna que culminou com a saída da sede da rua Correia Dutra. Em seguida, alguns fundadores formaram o Grupo dos Firmes, do qual faziam parte Napoleão de Oliveira, José Rebello e outros baluartes. A crise chegou aos jornais, conforme mostra esta nota publicada no *Jornal do Brasil*:

É hoje que no teatro S. José se realiza a matinée em benefício da Sociedade Carnavalesca Ameno Resedá [...] mesmo porque os carnavalescos querem, talvez, pela última vez, apreciar o excelente corpo de coros do Ameno Resedá e a harmoniosa orquestra sob a direção do estimado professor **Sr. José Cavaquinho**.³⁰ (JORNAL DO BRASIL, 1914, p.21, grifo nosso).

Superado o ocorrido, no ano seguinte o Ameno Resedá estava presente novamente no Carnaval carioca, retornando em 1916 à sua antiga sede na rua Correia Dutra,³¹ n.º 131. No entanto, a nota do *Jornal do Brasil* teve um tom premonitório, pois, ao que tudo indica, foi realmente a última vez que os carnavalescos puderam apreciar o coro e a orquestra do rancho sob a direção de José Rebello. Após o Carnaval de 1914, não há mais notícias de sua participação no Ameno Resedá, seja como diretor de harmonia, compositor, músico da orquestra ou membro da sociedade. Em 1916, os jornais mencionam o saxofonista Romeu Silva (1893-1958) como diretor de harmonia. Em 1919, Rebello aparece à frente de outra escola, o Lyrio do Amor, a última referência ao seu nome nos festejos do Carnaval carioca:

Todos os ranchos do Catete estão em alcateia com a orquestra do Lyrio do Amor, à cuja frente se encontra o **“José Cavaquinho”**. O Gramofone ambulante (Gonzaga),³² sendo compadre do homem da flauta mágica, está quase aderindo e deixando o Resedá em paz e... harmonia. (JORNAL DO BRASIL, 1919, p.8, grifo nosso).

30 No dia seguinte, 26 de janeiro, o jornal *A Imprensa* (1914, p. 4) traz Henrique Martins como diretor de harmonia.

31 Coincidentemente, de acordo com a edição de 1916 do *Almanak Laemmert*, José Rebello residia no número 37 desta mesma rua.

32 Provavelmente, Luiz Gonzaga da Hora, também fundador do Ameno Resedá.

Em 1931, foi publicada uma matéria no *Diário Carioca* sobre o baile comemorativo do 24.º aniversário do Ameno Resedá:

Recordar é viver... Recordemo-nos novamente daquele Resedá harmonioso que tinha como seu diretor de canto Antenor de Oliveira, de saudosíssima memória, que não deixou substituto no meio dos pretenciosos que ousaram ocupar aquele cargo que ele tanto soube honrar debaixo da batuta mágica de **José Rabello** [sic], o prodigioso "**José Cavaquinho**" – que fez da flauta o seu venerável instrumento, que jamais relaxa nos sambas e nos candomblés... Músico e musicista de escol, o professor **Rabello** [sic] apenas serviu ao Resedá juntamente com Antenor, dando-lhe o título de Campeão de Harmonia. Depois... depois, o professor **Rabello** [sic] deixou o carnaval e Antenor deixou o mundo e o Resedá deixou... de ser campeão da harmonia. (DIÁRIO CARIOCA, 1931, p.11, grifos nossos).

O rancho carnavalesco Ameno Resedá permaneceu ativo até o início de 1941, quando, após uma série de dificuldades, foi anunciado o fim de suas atividades. A partir da década de 1920, não há mais notícias da atuação de Rebello como flautista ou cavaquinista, quando passa então a se dedicar cada vez mais ao violão.

Violonista clássico

Na edição de fevereiro de 1929 da revista *O Violão*, foi publicada a matéria "A voz de uma autoridade sobre o Violão", uma conferência que Ernani Figueiredo (?-1917), um dos pioneiros do violão no Brasil, faria em Campos em 1917. Ao se referir à parceria estabelecida com Quincas Laranjeiras, Figueiredo observa:

Eram então nossos companheiros, o Fernando Senra, dos Feitios da Fazenda Municipal; o nesse tempo cadete Arthidoro Costa; o Zezé Fragoso, escrevente juramentado do Tabelionato Federal; **o José e o Mário Cavaquinho**,³³ além de outros e por fim o Levino Albano, cego do Instituto Benjamin Constant, um dos melhores violonistas conhecidos, com o qual eu e o Santos demos um concerto no Conservatório Livre do Rio de Janeiro. (FIGUEIREDO, 1929, p.9, grifo nosso).

A seguir, Figueiredo menciona que

Santos foi convidado por Catullo da Paixão Cearense para acompanhá-lo numa audição de suas cantatas, no Instituto Nacional de Música, onde teve oportunidade de, com Alfredo Imenes, Santos Coelho e outros, apresentar o violão na exibição dos clássicos. (FIGUEIREDO, 1929, p.9).

Esta apresentação, realizada no dia 5 de julho de 1908, também contou com a participação de José Rebello, conforme mostra o programa divulgado pela *Gazeta de Notícias*:

É o seguinte o programa do concerto que o sr. Catullo da Paixão Cearense realiza hoje, às 2 horas da tarde, no Instituto Nacional de Música: Ode ao violão, recitada pelo autor: A lágrima, executada ao violão pelos professores: Alfredo Imenes,

33 Provavelmente Mário Álvares da Conceição, conhecido como Mário Cavaquinho, que também participou da serenata na rua Conde de Bae-pendi, em 1903.

Santos Coelho, Joaquim dos Santos e **José Rebello**; Os olhos dela; Rasga o coração; Um templo ideal; A borboleta e a rosa; Uma evangélica, poesia, recitada pela menina Amelia Margulles; O meu mistério; Você não me dá; O que tu és; O sertanejo; Bambino, tango, executado pelos professores: Alfredo Imenes, Santos Coelho, Joaquim dos Santos e **José Rebello**; Ondas; N'aldeia; Um tipo tradicional; O teu pé; Edith, mazurca, executada pelos professores: Alfredo Imenes, Santos Coelho, Joaquim dos Santos e **José Rebello**; A tua boca; Descantes; Passaste por este jardim. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908, p.6, grifos nossos).

Amorim (2018, p.26) comenta que nesta ocasião reuniu-se “um verdadeiro time de estrelas” do violão brasileiro, Quincas Laranjeiras, Santos Coelho (1870-1927), José Rebello e Alfredo Imenes (1865-1918), e, “com isso, o instrumento quebrava as fronteiras do tradicional ‘templo da música clássica’ pela primeira vez”.

No ano seguinte à saída de Rebello do Ameno Resedá, nasce sua filha Yvonne, em setembro de 1915, que se tornaria uma parte importante de seu laço com o violão:

Fig. 12: Yvonne Rebello em 1928. Fonte: O Violão (1928, p.15).



No mês de outubro de 1918, o *Correio da Manhã* publica anúncios de aulas de violão, teórico e prático, com o professor José Rebello:

Fig. 13: Anúncio de aulas de violão – Professor José Rebello. Fonte: Correio da Manhã (1918, p.8).

VIOLÃO — Theorico e pratico —
Professor José Rebello; rua Ypiranga n. 23. Recados nas casas Carlos Gomes e Cavaquinho de Ouro.
(C 12171) Z

Diferentemente da carreira de Quincas Laranjeiras como professor, corroborada por relatos de diversos alunos, há poucas informações quanto à atuação de José Rebello nessa área, apesar de mesmo nas matérias sobre o Ameno Resedá ele ser referenciado como “professor”. Seus feitos como mestre são, na grande maioria das vezes, atrelados

à sua aluna mais celebrada, sua filha Yvonne Rebello. Além dela, Rebello também deu aulas para outra cantora e compositora, Marília Baptista (1917-1990), a “Princesinha do Samba”, uma das intérpretes favoritas de Noel Rosa, que, em entrevista à revista *Vida Doméstica* (1933, p.53), declarou: “Agora sou aluna do Instituto Nacional de Música, curso da professora Sylvia B. Cunha, e aprendo violão com José Rabello [sic]”.

Em outubro de 1922, José Rebello foi um dos músicos que participaram do Festival do Centro Sergipano, evento em comemoração ao aniversário da emancipação política do estado de Sergipe (O JORNAL, 1922, p.10). Rebello apresentou as seguintes obras ao violão: “Valsa Concertante” (Leonor), “Devaneio” (A. Baltbar [sic])³⁴ e “Miserére do Trovador” (Verdi).

Em 1927, o jornal *Correio da Manhã* promoveu o espetáculo *O que é nosso – grande concurso de Sambas, Maxixes, Lundus, canções, Emboladas, Desafios improvisados e violão* (CORREIO DA MANHÃ, 1927, p.9). Este é o famoso concurso do qual Yvonne participou concorrendo com Américo Jacomino (1889-1928), o Canhoto, e o violonista cego Manoel de Lima (1883-1944). Canhoto ficou em primeiro lugar (Prêmio João Pernambuco), Yvonne em segundo (Prêmio Joaquim dos Santos)³⁵ e Manoel de Lima em terceiro (Prêmio Levino Conceição). Foi a única a tocar com cordas de tripa e na postura clássica, executando “Capricho Árabe”, de Francisco Tárrega.

Com as provas programadas para os dias 19 e 20 de fevereiro de 1927, o *Correio da Manhã* do dia 13 de fevereiro trouxe uma matéria assinada por Léo Fábio (1927, p.9) sobre a jovem violonista, na qual comenta: “O pai de Ivonne [sic], também ele artista de valor, é um modesto funcionário sem ingresso nos ‘dancings’ da alta roda, mas com entrada franca nos círculos dos homens de bom gosto”.

No dia 20 de fevereiro de 1927, dia seguinte à prova de Yvonne no concurso, o *Correio da Manhã* publicou uma foto de Rebello acompanhada de um curto perfil biográfico:

Fig. 14: José Rebello ao violão. Fonte: Correio da Manhã (1927, p.13).



34 O título da peça seria, na verdade, “Devaneios”, e o autor, Alberto Baltar. Anos depois, a partitura de “Devaneios n.º 1” foi publicada na edição de fevereiro de 1929 da revista *O Violão*.

35 Ter Quincas como patrono do prêmio recebido por Yvonne não deixa de ser mais um ponto de contato, mesmo que simbólico, entre ele e José Rebello.

JOSÉ REBELLO DA SILVA, professor de cavaquinho e violão, é o pai da pequena Yvonne. Autor de um método prático de cavaquinho, José Rebello é um estudioso da música. Suas composições atestam o musicista de fina qualidade que ele é: “Miragem”, “Ypiranga” e “Guanabara” são páginas de formosa técnica e estilo elegante. Quanto aos seus méritos de professor, a pequena Yvonne, a menina do violãozinho, encarregou-se de confirmá-los mais uma vez. (CORREIO DA MANHÃ, 1927, p.13).

No editorial do primeiro número da revista *O Violão*, de dezembro de 1928, após comentar sobre a turnê da violonista espanhola Josefina Robledo (1897-1972) na seção sobre a “Escola Moderna”, o autor pontua:

Já então havia aqui uma plêiade de violonistas, uns tocando por música, outros de ouvido, mas todos procurando se desenvolver e por isso hoje se pode citar estes: **José Rebello da Silva (José Cavaquinho) e sua filha Yvonne**, João Teixeira Guimarães (*João Pernambuco*), Levino Albano da Conceição, Patrício Teixeira, Rogério Pinheiro Guimarães, Gustavo Ribeiro, José de Freitas, Giacomo [sic] Jacomino (o *Canhoto*), Melchior Cartez [sic] e inúmeros outros, quer solistas, quer acompanhadores. (O VIOLÃO, 1928, p.10, grifos nossos).

No número seguinte, de janeiro de 1929, José Rebello é mencionado em um anúncio da Casa Carlos Wehrs, “o maior empório de artigos musicais da nossa Capital”, sobre uma oferta dos violões de concerto Romeo Di Giorgio, “um instrumento perfeito e de grande poder sonoro, recomendado por sumidades da arte violonística como Barrios, **José Rebello**, Levino da Conceição, João dos Santos, João Frazão, Avelino Camargo, pelo pranteado Canhoto e muitos outros” (O VIOLÃO, 1929a, p.3, grifo nosso).

Em um artigo intitulado “Sucessos e triunfos do violão nos meios artísticos cariocas”, publicado no segundo número da revista *O Que Há*, em 15 de agosto de 1929, o violonista Ruy de Olinda escreve:

Seria difícil enumerar os grandes violonistas dos últimos tempos. Em todas as camadas sociais se têm destacado vários cultores do violão. Não são, apenas, **Rabello** [sic], o discípulo dileto de Quincas Laranjeira [sic], o capitão do Exército Arthidoro da Costa, o jornalista Eustáquio Alves, o literato e professor Brant Horta, que o Rio tem conhecido. São congressistas, militares, engenheiros, médicos, advogados, comerciantes, jornalistas, professores, funcionários públicos, etc., que, em número incontável, se dedicam ao violão. (OLINDA, 1929, p.61, grifo nosso).

Poucos meses antes, no texto de apresentação da edição de março de 1929 da revista *O Violão*, o autor que assina com as iniciais “H. A.” (Homero Alvarez) também elenca José Rebello – juntamente com Levino Conceição (1895-1955) e José de Freitas (1909-1990) – como um dos discípulos de Quincas Laranjeiras (ALVAREZ, 1929, p.2). No entanto, este não parece ter sido o caso, conforme mostra a resposta de Rebello publicada no número seguinte da revista:

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1929.

Meu caro Pombo³⁶ – Saúdo-te: O teu interessante mensário – “O Violão” – em

36 Dantas de Souza Pombo, diretor da revista.

seu número último e no artigo de H. A. faz uma referência a meu nome, que, por não ser verdadeira, deixa de ser honrosa, faltando, portanto, aos fins que com certeza teve em mira o seu generoso autor.

Nunca fui discípulo do nosso Quincas Laranjeiras: não, que não sentisse, por vezes, a ânsia de elevação, a volúpia de ascender; mas, a minha timidez sempre me impeliu para a obscuridade, de que nunca saí, e onde o teu jornal me vem buscar, para o deslumbramento de tamanha glorificação.

Não, meu amigo! É como te disse linhas acima: não posso aceitar um título indevido. Depois, que triste figura faria eu, olhando de longe a constelação dos discípulos do eminente violonista, em que brilha como estrela de primeira grandeza o extraordinário Levino da Conceição, sem achar nela um lugarzinho? E, o discípulo ficaria tão distanciado do mestre, que lhe desdouraria os laureis.

O Quincas, para ser gigante, não precisa de ter sido o mestre de pigmeus...

Muito grato pela publicação desta, ficará o amigo certo – (ass.)

José Rebello da Silva. (SILVA, 1929, p.24).

Não há mais detalhes acerca da proximidade entre Quincas Laranjeiras e José Rebello muito além dos fatos compartilhados neste artigo. É certo que dividiram histórias e espaços em comum, das mais diversas naturezas, desde uma serenata, os primórdios do Carnaval carioca e a posição como solistas e professores de violão clássico no Rio de Janeiro. Ainda existe a possibilidade de que tenham travado parcerias como compositores, talvez para o Ameno Resedá, mas até o momento não surgiu qualquer evidência nesse sentido.

No terceiro número de *A Voz do Violão*, de abril de 1931, o cantor e violonista Lourival Montenegro comenta:

Os meus colegas são quase todos, artistas de muita vocação, dignos de melhor atenção dos críticos. Dentre eles distingo, especialmente: Rogério Guimarães, Mozart Bicalho, Pernambuco, Romualdo Miranda, Pequenote, Levino Conceição, Oswaldo Lopes, Tuti [sic], Donga, Pery Cunha, Luperce Miranda, João Martins, Glauco Vianna, Frazão, Rubens Bergmann, Jacy Pio Pereira (Gorgulho), Eduardinho, Bororó, Josué Barros, **José Rebello e a pequena Yvonninha Rebello** que, contando apenas 12 anos, já pode aparecer em público para apresentar *qualquer gênero* de música. (MONTENEGRO, 1931, p.27, grifos nossos).

Com relação à produção de material didático, Taborda (2011, p.152) aponta que “quase todo o violonista que possuiu algum prestígio na cena musical carioca (e, claro, no restante do país) lançou seu método prático”, dentre os quais Quincas Laranjeiras, Abdon Lyra (1887-1962), Américo Jacomino, Patrício Teixeira (1893-1972), Paraguassu, Garoto (1915-1955), José Rebello, entre outros. Na bibliografia do livro *Choro: A Social History of a Brazilian Popular Music* (2005), de Tamara Elena Livingston e Thomas George Caracas Garcia, consta o *Methodo prático para violão*, de José Rebello da Silva, com a informação de que teria sido publicado em 1931 pela Rodrigues & Cia. (editora do *Jornal do Commercio*). Taborda (2011, p.153) inclui este método entre as publicações do gênero, mas não há detalhes quanto ao ano ou à editora, indicando somente o preço: 3\$000.

Sobre o método para cavaquinho de Rebello, na edição do dia 24 de maio de 1932, o *Correio da Manhã* publicou a seguinte nota:

Do sr. José Rebello da Silva recebemos um exemplar do excelente “Método Prático para Cavaquinho”, que o autor oferece àqueles que se dedicam ao cultivo do pequenino e raro instrumento.

O cavaquinho, apesar de popular, ainda não conseguiu as simpatias sociais do seu congêneres mais sentimental – o violão. Entretanto, a sua sonoridade específica, os seus efeitos peculiares, fazem com que ele seja ainda a “alma” de um verdadeiro “choro”, ao lado da flauta e do violão. Por isso, o “Método” do sr. José Rebello da Silva, claro, preciso, intuitivo, dando os mais úteis conselhos e ensinando todas as posições para as diferentes tonalidades maiores e menores, torna-se um auxiliar precioso para os que desejam estudar o cavaquinho, legítima expressão do nosso folclore musical. (CORREIO DA MANHÃ, 1932, p.5).

Assim como o método para violão, ainda não foi possível localizar uma cópia deste material, mas ao menos a nota acima documenta sua existência e o situa no início da década de 1930. No mesmo ano de 1932, o compositor, regente, trombonista e violonista Abdon Lyra compôs o “Preludio Op. 14 n.º 1” para violão, “dedicado ao caro amigo professor José Rebello da Silva”, publicado pela Casa Arthur Napoleão.

José Rebello é um dos violonistas brasileiros que figuram no célebre *Diccionario de Guitarristas* (1934), de Domingo Prat (1886-1944):

REBELLO DA SILVA, José (“José Cavaquinho”) – Violonista brasileiro. Alcançou grande notoriedade em seu país, graças às suas habilidades especiais como intérprete das coisas típicas. Atualmente desenvolve um intenso trabalho artístico entre os palcos e a Rádio, às vezes na companhia de sua filhinha Ivonne [sic] [...]. (PRAT, 1934, p.259, tradução nossa).³⁷

Apresentações e repertório

Entre 1927 e 1934, José Rebello realizou diversas apresentações ao lado de sua filha Yvonne, alternando entre solos e peças em duo. Entretanto, é importante ressaltar que não se tratava de recitais exclusivamente seus, mas inseridos em um contexto de saraus, eventos beneficentes, encontros literomusicais ou festivais de arte em que a programação era dividida com outros artistas. Dentre os nomes que também tomavam parte nos eventos, podemos citar: Nair de Teffé (1886-1981), Rogério Guimarães (1900-1980), João Pernambuco, Gastão Formenti (1894-1974), Stefana Macedo (1903-1975), Olga Prager Coelho (1909-2008), Newton de Pádua (1894-1966), Gessy Barbosa, João Octaviano (1892-1962), a “menina Bibi Ferreira” (1922-2019), entre outros.

O repertório de José e Yvonne Rebello não era muito extenso, sendo as peças mais frequentes “Miragem” e “Ipiranga” (ambas de José Rebello), “Recuerdos de la Alhambra” (Tárrega) e “Variações sobre um tema de Mozart” (Sor). A versão de “Recuerdos de la Alhambra” que utilizavam era de Julio Sagreras, que escreveu a parte de um segundo violão para tocar em duo com o original. Outras peças que figuravam no repertório

37 Original: “Guitarrista ejecutante brasileño. Conquistó en su patria una grand notoriedad, gracias a sus especiales dotes de intérprete de las cosas típicas. Desarrolla en la actualidad una intensa labor artística entre los escenarios y la radiotelefonía, a veces en compañía de su hijita Ivonne [...]”. A seguir, Prat conclui o verbete citando um trecho sobre Yvonne publicado no primeiro número da revista *O Violão*, de dezembro de 1928.

do duo eram “La Berceuse” (João Aloyde), “Mazurka” (João Alais), “Marcha Fúnebre” (Chopin), “La Maleva” – tango argentino (Buglione/Pardo), “Capricho Árabe” (Tárrega) e “Cristo nasceu na Bahia”³⁸ (Sebastião Cirino). Era comum os jornais anunciarem Yvonne sendo acompanhada por seu pai; considerando a experiência de José Rebello na tradição do choro, é provável que ele elaborasse os acompanhamentos de ouvido enquanto Yvonne tocava a parte solo. Adicionalmente, também se apresentavam como solistas. Seus repertórios individuais compreendiam as seguintes obras:

- José Rebello: “Miragem”, “Ipiranga” e “Tocantins” (autorais), “Minueto” (Sor), “La Maleva” – tango argentino (Buglione/Pardo), “Recuerdos de la Alhambra” (Tárrega), “Variações sobre um tema de Mozart” (Sor), “Marcha Fúnebre” (Chopin), “Valsa “Concertante” (Leonor), “Devaneios” (A. Baltar) e “Miserére do Trovador” (Verdi).
- Yvonne Rebello: “Serenata de Gounod” (arr. Rodriguez Arenas), “Minueto de L’Arlésienne” (Bizet), “El Delírio” (Cano), “Perpetu [sic] Mobile” (Alberto Henrique), “Choro da Saudade” (Barrios) e “Capricho Árabe” (Tárrega).

Após minucioso levantamento em jornais e periódicos da época disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi organizada uma relação com as datas e os locais das apresentações de José e Yvonne Rebello.³⁹ Porém, essa listagem não tem a pretensão de ser completa, uma vez que é possível que outras ocasiões tenham sido divulgadas em publicações que não constam na Hemeroteca.

1927

- 31 de maio: Theatro República – Noite Luso-Brasileira (organizada por Sinhô).
- 1.º de julho: Theatro Municipal – Noite do Violão (promovida pela Casa Verdi). O evento contou também com as participações de João Pernambuco, Catulo da Paixão Cearense e Rogério Guimarães.

1928

- 3 de julho: Salão de Arte da Feira de Amostras – Semana Pró-Matre. Nota: “Violão clássico pela senhorita Yvonne Rebello da Silva e Sr. José Rodrigues da Silva” (A NOITE, 1928, p.6).
- 15 de julho: Salão de Arte da Feira de Amostras.

38 Samba composto para o espetáculo *Tudo Preto*, da Companhia Negra de Revistas (1926).

39 Apesar de Yvonne ter se apresentado poucas vezes sozinha em eventos da mesma natureza, o foco aqui é nas apresentações ao lado de seu pai.

Fig. 15: Programação do Salão de Arte da Feira de Amostras. Fonte: O Paiz (1928, p.2).⁴⁰

★ ★ ★

Hoje, domingo, dia de intenso movimento no recinto da feira, nos pavilhões e no parque de diversões, o Salão de Arte levará os seguintes programas, organizados com esmerado gosto e em que tomarão parte artistas conhecidos e amadores, da nossa melhor sociedade:

A's 16 1/2 horas — *Canções ao violão*, menina Heloysa Helena A. Gama; *Bailado*, menina Lydia Bardi; *Casos matutos*, Sr. Formiga; *Um sketch*, Srs. Erasmo Macedo Filho e Luiz S. Bandeira; *Bailado*, menina Lydia Bardi; *Imitações*, Sr. Formiga, e *Circo Sarrasani Junior* (alguns numeros de sensação), Erasmo Macedo & Comp.

A's 21 horas — *Grande programma de canções regionaes do norte, modinhas brasileiras, variedade e conjunto de violões*, Sr. José Rebello da Silva, senhorita Yvonne Rebello da Silva e Sr. Luiz Gonzaga da Hora, e o Sr. Elpidio Luis Dias em musica brasileira; *Grupo de caipirinhas*, organizado pela senhorita Stefana Macedo, em que tomam parte as senhoritas Olga Pragner, Lisette e Heloysa Leclerc e Aida Macedo; *Versos*, pelo poeta Belmiro Braga; *Canções ao violão*, pela senhorita Olga Pragner; *Canções ao violão*, pela senhorita Stefana Macedo; *Conjunto hortista*, sambas e canções ao violão (canto), pelo Sr. Annibal Duarte; *Circo Sarrasani Junior*, Srs. Erasmo e Gabriel Macedo, Noé Gouveia, Tasso Moreira, Oswaldo Tolipam, senhoritas Celia Moniz e Vera Almeida.

★ ★ ★

- 5 de agosto: Instituto Nacional de Música – Em benefício do Hospital Hahne- maniano e Patronato S. José.
- 18 de outubro: Benefício do Sodalício de S. José.

1929

- 28 de abril: Dia do Encarcerado – Casa de Correção.
- 1.º de maio: Academia Fluminense.
- 27 de julho: Club dos Bandeirantes – Grande Sarau Bandeirante.

Fig. 16: Nota sobre o Grande Sarau Bandeirante. Fonte: Correio da Manhã (1929, p.11).

—:—

GRANDE SARAU BANDEIRANTE — E' afinal amanhã que os luxuosos salões do Club dos Bandeirantes serão pequenos para conter as pessoas da nossa alta sociedade desejosas de assistir o grande sarau bandeirante em beneficio da Casa dos Artistas, organizado com meticulosidade e carinho de artistas. O sarau, que terá inicio ás 10 horas da noite, requer o traje de rigor, smoking e casaca ou toilette de baile, e o programma artistico está assim constituido, além do concurso da Orchestra Brunswck e seu maestro J. Thomaz: Aracy Cortes, em canções brasileiras, acompanhadas ao violão pelo professores Barros e José Rebello da Silva; Luiz Calazans, em emboladas;

⁴⁰ Luiz Gonzaga da Hora, membro do Ameno Resedá.

O sarau contou ainda com a participação de Vicente Celestino (1894-1968), Zaira Cavalcanti (1913-1981) acompanhada ao violão por Pernambuco e, mais adiante, a senhorita “Yvonne Rabello [sic] e o prof. José Rabello [sic] da Silva, em acompanhamentos e solos de violão” (CORREIO DA MANHÃ, 1929, p.11).

- 30 de julho: Recreio – Festa de Aracy Côrtes (1904-1985), com Bando de Tangarás, composto do cantor Braguinha (1907-2006) e mais Almirante, Henrique Britto (1908-1935) e Noel Medeiros Roxo. “Toma parte a senhorita Yvonne Rebello e o Sr. José Rebello, violinistas [sic] clássicos” (O PAIZ, 1929, p.5).

1931

- 2 de janeiro: Theatro João Caetano – Leitura da plataforma de Getúlio Vargas.
- 17 de outubro: Sociedade Tattwa Nirmanakaia (transmitido pela Rádio Educadora do Brasil).

1932

- 2 de janeiro: Rádio Sociedade Mayrink Veiga. O trecho abaixo, publicado em janeiro de 1932 no jornal O Globo, é um exemplo de como o programa era dividido entre solos, de José e Yvonne, e duos:

Pela primeira vez os amadores de rádio vão ouvir um programa de violão clássico. José Rebello da Silva e sua filha Yvonne vão proporcionar os seguintes números: 1º, Miragem, de José Rebello da Silva, pelo autor e sua filha; 2º, Tema variado, de Mozart e Sor, pelos mesmos; 3º, Perpetu [sic] Mobile, de Alberto Henrique, por Yvonne Rebello da Silva; 4º, Recuerdos de la Alhambra, de Francisco Tárrega, por José Rebello e sua filha; 5º, Choro da Saudade, de Agostin [sic] Barrios, por Yvonne Rebello da Silva. Esse programa será irradiado pela Rádio Sociedade Mayrink Veiga, das 15 às 16 horas. (O GLOBO, 1932, p.5).

- 31 de março: Faculdade de Farmácia e Odontologia.

1933

- 7 de maio: Benefício do Sodalício de S. José.
- 25 de outubro: Rádio Sociedade.
- 28 de outubro: Festa Artística Regional – Abrigo Francisco de Paula. Nota: aqui outra filha de José Rebello, Jocelyna (1914-1961), junta-se a ele e à sua irmã Yvonne atuando como cantora. “‘Flor do Mato’ e ‘Para esquecer’, canções, Jocelina Rabelo [sic] da Silva, acompanhamento ao violão por Yvonne [sic] e José Rabelo [sic] da Silva” (JORNAL DO BRASIL, 1933, p.15).

1934

- 15 de julho: Sodalício de S. José. Nota: “Durante o chá serão executados números de violão clássico e canto ao violão, pelo trio Rebello, composto do professor Sr.

José Rebello e suas filhas: Yvonne e Jocelyna Rebello” (JORNAL DO BRASIL, 1934, p.14).

- 19 de dezembro: Rádio Cruzeiro do Sul.

Após 1934, não foram mais encontradas notícias sobre a atuação de José Rebello como intérprete. Yvonne deu sequência à sua carreira como violonista, ampliando posteriormente suas atividades como cantora e compositora. Poucos anos mais tarde, em dezembro de 1937, viajaram para o Uruguai “as aplaudidas cantoras Yvone [sic] Rebello e Marília Baptista,⁴¹ que fazem parte da embaixada brasileira que vai representar as modalidades do carnaval carioca na Feira daquele país amigo” (DIARIO CARIOCA, 1937, p.15).

Fig. 17: Yvonne Rebello em 1938. Fonte: Fon-Fon (1938, p.36).



Compositor

As composições de José Rebello serão tema de um próximo artigo, analisando as diferentes versões e o processo de revisão e edição – realizadas por mim – das partituras que integram a série *Pioneiros do Violão no Brasil*, idealizada por Humberto Amorim e publicadas por meio do Acervo Violão Brasileiro. Portanto, faremos aqui um levantamento sucinto de sua produção como compositor.

Em informações provenientes de textos biográficos e programas de recitais divulgados em jornais e periódicos, podemos ver a recorrência de três títulos principais: “Miragem”, “Ipiranga” e “Guanabara”. Apesar de serem mencionadas lado a lado, “Ipiranga” e “Guanabara” são a mesma peça.⁴² Em diversos programas de apresentações de José e Yvonne Rebello, vemos com frequência a inclusão de “Ipiranga”. No entanto, em 1930

41 Que, assim como Yvonne, também foi aluna de violão de José Rebello.

42 O que explica o fato de nunca terem aparecido juntas no repertório das apresentações divulgadas nos jornais.

foi lançada uma gravação desta peça pela Orquestra Brunswick (disco 10.027),⁴³ na qual o título foi alterado para “Guanabara”. Além dos títulos mencionados, há duas outras composições originais para violão: “Tocantins”⁴⁴ (maxixe-choro) e “Marina”⁴⁵ (schottisch).

No acervo do MIS-RJ, na Coleção Almirante, foram localizadas três marchas de José Rebello escritas na época do Ameno Resedá: “Quando o Luar Prateado” (somente a melodia), *Sairá* (partitura para piano) e “Diavolinhas” (para flauta, dois trompetes e bombardino).⁴⁶ É verdade que parte do repertório consistia em trechos de óperas e operetas adaptadas ao enredo, mas, considerando o tempo que Rebello permaneceu no rancho carnavalesco, aliado ao repertório apresentado nos desfiles (contando quatorze marchas no Carnaval de 1908, por exemplo, segundo Napoleão de Oliveira), certamente foram compostas muitas outras além destas.

José Rebello da Silva faleceu no dia 1.º de maio de 1951, aos 67 anos. Não houve qualquer menção nos jornais ou nas revistas da época. Em uma iniciativa da Rádio e TV Record, com direção de Almirante e patrocínio da Comissão do Quarto Centenário, foi organizado o Festival da Velha Guarda, em que “grandes figuras da música popular brasileira serão homenageadas em São Paulo num extenso programa festivo” (CORREIO DA MANHÃ, 1954, p.10). Distribuída entre os dias 23 e 25 de abril de 1954, a programação incluía uma homenagem a Pixinguinha, cujo aniversário coincidia com o primeiro dia do evento; apresentações, das quais participaram o próprio Pixinguinha, João da Baiana (1887-1974), Donga (1889-1974), Benedito Lacerda (1903-1958), Aracy de Almeida (1914-1988), Inezita Barroso (1925-2015), Dorival Caymmi (1914-2008), Waldir Azevedo (1923-1980), entre outros; e um tributo a Francisco Alves (1898-1952) e outros músicos já falecidos:

Serão convidados para receberem homenagens especiais da Comissão do Quarto Centenário, membros representantes das famílias de: Zequinha de Abreu, Marcelo Tupinambá, Erotides de Campos, Eduardo Souto, Jaime Redondo, J. Aimberê, Américo Jacomino (Canhoto), Bonfilio [*sic*] de Oliveira, **José Rebelo [*sic*] da Silva (Zé Cavaquinho)** e Batista Júnior. (CORREIO DA MANHÃ, 1954, p.10, grifo nosso).

No dia 21 de maio de 1954, Almirante dedicou um episódio do programa Biografias Bayer, na Rádio Record, a José Rebello (equivocadamente descrito como “compositor paulista” na chamada do jornal):

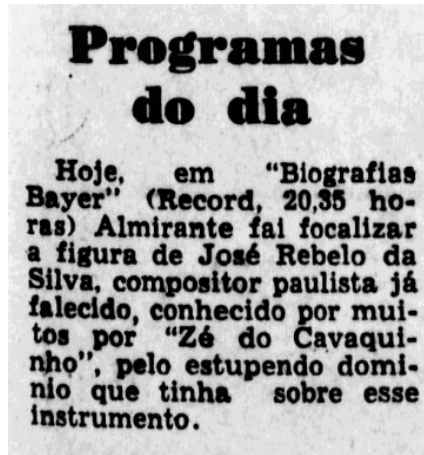
43 Com o samba “Dureza”, de Romualdo Peixoto (o Nonô), no lado B.

44 Gravado por Radamés Gnattali em 1950 (Continental 16.229), tendo no lado B a valsa “Madrigal”, de Aurélio Cavalcanti.

45 Juntamente com “Miragem”, foi arranjada por Pixinguinha para a Orquestra do Pessoal da Velha Guarda.

46 As duas primeiras com letra de Antenor de Oliveira e a última sem indicação de autoria da letra.

Fig. 18: Chamada do programa sobre José Rebello na Rádio Record. Fonte: Diário da Noite (1954, p.15).



No ano seguinte, foi organizada a segunda edição do Festival, também promovido pela Rádio e TV Record com direção geral de Almirante. O II Festival da Velha Guarda aconteceu entre os dias 29 de abril e 1.º de maio de 1955, em São Paulo, contando com a presença de músicos como Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Jacob do Bandolim (1918-1969), Paulo Tapajós (1913-1990), Gilberto Alves (1915-1992), Carolina Cardoso de Menezes (1913-2000), Dilermando Reis (1916-1977), Radamés Gnattali (1906-1988) e Yvonne Rebello:

O espetáculo dessa primeira noite foi encerrado com a homenagem aos compositores desaparecidos. Cantou Augusto Calheiros a valsa “Ave Maria”, de Erotides de Campos. O “Despertar da Montanha” foi interpretado ao piano por Nelson Souto, filho de Eduardo Souto, o autor. **Yvone Rebello** [sic] executou ao violão “Miragem”, valsa de **Zé Cavaquinho**. E, finalmente, Dircinha e Linda Batista cantaram composições do pai, Batista Júnior. (CORREIO DA MANHÃ, 1955, p.14, grifos nossos).

Considerações finais

O contraste dos espaços frequentados por José Rebello dá a medida do quão instigante é a construção desse personagem. Inserido em uma época e em um centro absolutamente fundamentais para o desenvolvimento da identidade musical brasileira, participou ativamente do processo formativo de diferentes manifestações culturais: choro, Carnaval carioca e violão solista brasileiro. Apesar de sua contribuição – como intérprete, compositor, professor e autor de materiais didáticos – em termos de relevância estar alinhada à de seus colegas, seu nome hoje é raramente lembrado no meio musical. Isso pode ser explicado por alguns fatores: Rebello não deixou gravações em que figurasse como protagonista; sua produção como compositor reúne poucos títulos, que, salvo as versões para piano da valsa “Miragem”, não foram publicados; seu legado como professor não ficou satisfatoriamente documentado; e, finalmente, não há notícias de atividades artísticas na última década de sua vida. No entanto, o que está registrado atesta o porte de sua capacidade criativa, como as gravações da Orquestra Brunswick, de Radamés Gnattali e os arranjos de Pixinguinha.

O que fica de concreto são suas composições que sobreviveram em manuscrito graças à iniciativa de pesquisadores visionários como Almirante e Jacob do Bandolim, que preservaram em seus acervos uma parte valiosa da nossa memória musical. É certo que muitas redescobertas do nosso repertório possuem mais um interesse histórico do que realmente artístico, o que não é absolutamente um demérito às pesquisas, pois são elementos imprescindíveis na reconstrução do passado. As peças para violão de Rebello, entretanto, dificilmente se encaixariam nesta categoria, uma vez que revelam um compositor inventivo, de apurado senso melódico e harmônico, com pleno domínio da forma, do estilo e dos recursos do instrumento. Neste sentido, são peças que tranquilamente fariam boa figura em um programa de concerto (que, em uma proposta temática, poderiam ser tocadas ao lado de obras de colegas seus, como, por exemplo, Villa-Lobos e Quincas Laranjeiras).

“E agora, José? / A festa acabou, / a luz apagou, / o povo sumiu, / a noite esfriou, / e agora, José?” (ANDRADE, 2002, p.106-107). Ao mergulhar na história desses personagens, há limites que são incontornáveis. Juntamente com o esquecimento, o tempo se encarrega de impor barreiras, dificultando o acesso às pessoas (aquelas que são foco das pesquisas ou que foram próximas a elas) e a fontes primordiais que há muito se perderam nos acervos. “[...] e tudo acabou / e tudo fugiu / e tudo mofou, / e agora, José? / E agora, José? / Sua doce palavra, / seu instante de febre, / sua gula e jejum, / sua biblioteca, / sua lavra de ouro, / seu terno de vidro.”

Há ainda aspectos que merecem investigação mais aprofundada, como os métodos para violão e cavaquinho (ainda não localizados) de Rebello e suas obras escritas para o Ameno Resedá. Por isso, cada fragmento recuperado deve ser celebrado na infindável jornada de restaurar páginas da nossa memória. Assim, através das várias camadas que compõem sua trajetória profissional, esboçamos neste artigo uma tentativa de resgatar a história do “prodigioso ‘José Cavaquinho’” (DIÁRIO CARIOCA, 1931, p.11). Um outro desdobramento desta pesquisa é a revisão, edição e publicação de suas composições para violão, que, após praticamente um século desde que foram criadas, finalmente estarão ao alcance de violonistas, pesquisadores e entusiastas do instrumento. Resta-nos seguir tocando a “valsa vienense” para que, ao final, possamos repetir “Mas você não morre, / você é duro, José!”.

Referências

A CAPITAL. Rio de Janeiro, p. 4, 1 jan. 1909.

A IMPRENSA. Rio de Janeiro, p. 4, 26 jan. 1914.

A NOITE. Rio de Janeiro, p. 6, 28 jun. 1928.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1903.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1913.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1914.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1915.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1916.

ALMANAK LAEMMERT. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas de Almanak Laemmert, 1918.

ALMIRANTE. *No Tempo de Noel Rosa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ALVAREZ, Homero. Editorial. *O Violão*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 2, 1929.

AMORIM, Humberto. Alfredo Imenes: um pioneiro da música de câmara com violão no Brasil. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1-33, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2634>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

CABRAL, Sérgio. *No Tempo de Almirante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CARETA. Rio de Janeiro, ano IV, n. 144, p. 26, 4 mar. 1911.

CASA DO CHORO. Acervo. Catálogo de partituras. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://acervo.casadochoro.com.br/Works/index>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CAVAQUINHO DE OURO. *Histórico do Cavaquinho de Ouro e o Ressurgimento do Violão*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Heitor Ribeiro, 1928.

CAVAQUINHO, José. *Quincas Laranjeiras*. Coleção Almirante, MIS-RJ.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 3, 21 jan. 1911.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 14, 15 fev. 1912.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 8, 14 out. 1918.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 9, 13 fev. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 13, 20 fev. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 11, 26 jul. 1929.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 5, 24 maio 1932.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 10, 20 abr. 1954.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, p. 14, 3 maio 1955.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, p. 11, 8 fev. 1931.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, p. 15, 16 dez. 1937.

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, p. 15, 21 maio 1954.

DISCOGRAFIA BRASILEIRA/IMS. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

EFEGÊ, Jota. *Ameno Resedá: o rancho que foi escola*. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

FÁBIO, Léo. A menina do violãozinho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 9, 13 fev. 1927.

FIGUEIREDO, Ernani de. A voz de uma autoridade sobre o Violão. *O Violão*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 9, fev. 1929.

FONSECA, Gondin da. *Santos Dumont*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 6, 5 jul. 1908.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 7, 11 mar. 1906.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 7, 11 maio 1907.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 9, 8 fev. 1912.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 9, 11 jan. 1913.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 21, 25 jan. 1914.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 8, 7 fev. 1919.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 15, 21 out. 1933.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 14, 13 jul. 1934.

JOSÉ CAVAQUINHO. *Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular*. São Paulo: Art Ed., 1977.

LEAL, José de Souza; BARBOSA, Artur Luiz. *João Pernambuco: arte de um povo*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

LIMA, Giuliana Souza de. *Almirante, "a mais alta patente do rádio", e a construção da história da música popular brasileira (1938-1958)*. 176 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIMA, Luciano. Yvonne Rebello e Garoto: o Violão na Música de Radamés Gnattali antes da Tocata em Ritmo de Samba. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 1-30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3964>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LIVINGSTON, Tamara Elena; GARCIA, Thomas George Caracas. *Choro: a social history of a Brazilian popular music*. Bloomington: Indiana University Press, 2005.

LYRA, Abdon. *Preludio Op. 14 n. 1*. Rio de Janeiro: Casa Arthur Napoleão, 1932. Partitura. Violão.

MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2018.

MIS-RJ – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. *Depoimentos para a Posteridade Pixinguinha*. Rio de Janeiro: MIS-RJ, 22 abr. 1968.

MIS-RJ – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. *Depoimentos para a Posteridade Napoleão de Oliveira*. Rio de Janeiro: MIS-RJ, 22 ago. 1969.

MONTENEGRO, Lourival. Lourival Montenegro e sua atividade artística. *A Voz do Violão*, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 27, abr. 1931.

NAZARETH, Ernesto. *Ameno Resedá*. Partitura manuscrita, 4 p. Piano.

NEGREIROS, Jayme. João Pernambuco Morreu de Desgosto: melodia de "Luar do Sertão" é sua. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2, 3 e 4 nov. 1957. 4º Caderno, p. 1.

O GLOBO. Rio de Janeiro, p. 5. 2 jan. 1932.

O JORNAL. Rio de Janeiro, p. 10, 25 out. 1922.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 12 ago. 1947. Segunda Seção, p. 3.

O MALHO. Rio de Janeiro, ano IV, n. 158, p. 9, 23 set. 1905.

O MALHO. Rio de Janeiro, ano X, n. 440, p. 15, 18 fev. 1911.

O PAIZ. Rio de Janeiro, p. 2, 3 fev. 1913.

O PAIZ. Rio de Janeiro, p. 2, 15 jul. 1928.

O PAIZ. Rio de Janeiro, p. 5, 29 e 30 jul. 1929.

O RIO NÚ. Rio de Janeiro, p. 7, ago. 1907.

O SÉCULO. Rio de Janeiro, p. 2, 31 jan. 1908.

O VIOLÃO. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 10, dez. 1928.

O VIOLÃO. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 3, jan. 1929a.

O VIOLÃO. Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 17-18, fev. 1929b.

OLINDA, Ruy de. Sucessos e triunfos do violão no meio artístico carioca. *O que há...*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 61, 15 ago. 1929.

PINTO, Alexandre Gonçalves. *O Choro: reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

PRAT, Domingo. *Diccionario de Guitarristas*. Buenos Aires: Casa Romero y Fernandez, 1934.

SANTOS, Turíbio. *Heitor Villa-Lobos e o Violão*. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1975.

SILVA, José Rebello da. Diz que não foi... *O Violão*, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 24, abr. 1929.

TABORDA, Marcia. *Violão e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro, n. 182, p. 53, maio 1933.

VILLA-LOBOS, Heitor. *Educação Cívico-Artística*. Acervo Museu Villa-Lobos.